



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

O show de Lula

Uma superestrutura está sendo montada no Largo Glênio Peres, no Centro de Porto Alegre, para o comício de Lula no fim da tarde desta sexta-feira. Desde o início da semana, toda a área foi cercada com grades metálicas, e para ir para o outro lado ou chegar no Mercado Público só pela avenida Borges de Medeiros ou pela rua Marechal Floriano. São esperadas 30 mil pessoas e 100 ônibus do Interior. Cinco geradores garantem a energia para o show. Chegar e sair do Centro à tarde vai ser complicado.

FERNANDO ALBRECHT/ESPECIAL/JC



Ordem na casa

Em boa hora o presidente do STF mostrou quem manda na corte. Edson Fachin tomou as rédeas do poder na mão e marcou para o dia 15 de setembro a votação, pelo plenário do Supremo, para autorizar ou não investigações sobre o ministro Alexandre de Moraes. É possível e até provável que haja divisão. Ou seja, sem unanimidade. É a versão suprema para a batalha dos aflitos.

Previsão imprevisível I

Quem disser que sabe como será o primeiro turno está chutando. Há diversas variáveis para arriscar um palpite. A começar sobre como o eleitor vê a agitação do Supremo e se ele “liga” Lula (PT) ao ministro Alexandre de Moraes, e em que proporção.

Previsão imprevisível II

Nos últimos 15 dias, Flávio Bolsonaro (PL) encostou em Lula, mas o que virá pela frente ainda não se sabe. A cabeça do eleitor comum é uma caixa preta. Pode - pode - até ele achar que nessa crise do Supremo é tudo farinha do mesmo saco.

Dito e feito

Na quinta-feira, a página comentou que arrumariam um rabo para investigar Flávio Bolsonaro pela audácia de empatar com Lula nas pesquisas. Pois saiu a informação de que a Polícia Federal fez uma operação para investigar Dark House, filme sobre Jair Bolsonaro.

Gramado nas alturas

Até no preço. Leitor pagou R\$ 710 a diária de casal em um hotel de três estrelas mais uma taxa de serviço. Já se disse que Nova York é mais barata ou menos cara do que a cidade serrana.

Luxo nos ares

O Grupo Abra, que controla a Avianca e a Gol, vai disponibilizar “suítes” e alta gastronomia para quem estiver disposto a pagar por isso.

Idosos valorizados

Levantamento do NaPista, marketplace automotivo do banco BV, mostra modelos clássicos com até 93 anos de história anunciados na plataforma e alguns chegam perto de R\$ 500 mil, caso do Maverick V8. Um jipe Willys Overland (1948) vale R\$ 159,9 mil. Fusca? Os mais bem avaliados são do início dos anos 1960, tipo R\$ 90 mil.

Sicredi | Sicredi Origens RS

Financie um novo imóvel e faça seu patrimônio crescer.

- | Atendimento próximo e especializado
- | Manutenção de liquidez
- | Estratégias de longo prazo
- | Proteção patrimonial

Abra sua conta



Crédito no Sicredi. Tem sempre um ideal para você.



HISTORINHA DE SEXTA

A noite dos desesperados e outras histórias

Meus primeiros meses como repórter da madrugada na segunda metade de 1968, cobrindo essencialmente a área policial, foram um aprendizado na marra. Não havia uma “escola de repórteres”, faculdade nenhuma ensina a ser um.

Reluto um pouco em dizer isso, mas repórter é vocação, é um dom. Pode ser burilado e desenvolvido, mas você é ou não é. Jornalista qualquer um pode ser, repórter o furo é mais embaixo.

Como sempre digo quando alguém pergunta qual a maior qualidade de um jornalista, a curiosidade é nosso motor. Eu era curioso à beça. O que me faltava em experiência, compensava com teimosia. O regime militar tornava as coisas mais difíceis, mas devo dizer que eram relativamente poucos os assuntos proibidos.

Para cobrir a área policial, não havia empecilhos. Fazer a ronda das 13 Delegacias de Polícia da época, ligar para o Plantão e especializadas como Furtos e Roubos, Trânsito, HPS e bombeiros: o macete era descobrir, pelo tom de voz do policial, quando ele queria esconder alguma informação. Havia uma certa má vontade com jornalistas abelhudos.

Citar o nome do policial na matéria era um bom abre-alas. A vaidade, essa velha senhora, manda no mundo. Sabendo usar, não vai faltar.

Dormir alguns minutos enrolado em papel jornal com roupa por cima era a melhor coisa para aquecer alguém: tecnologia ensinada por um papeleiro chamado Sim Senhor, que ficava na frente da redação da Zero Hora - na época, na rua Sete de Setembro, no Centro.

Não era fácil trabalhar no jornal na época, quando o dono ainda era o jornalista Ary de Carvalho. Maurício e Jayme Sirotsky compraram a ZH em novembro de 1969, mas de fato assumiram em março de 1970. Todos os elogios eram para a Caldas Júnior de Breno Caldas, na época. Incensado, elogiado, todo mundo fazia rapapés quando falavam seu nome.

A Zero, ao contrário, era antipatizada pela Polícia Civil, Brigada Militar e pelos milicos, é mole? Éramos o patinho feio - feio e manco. Faltava dinheiro e a gente se virava nos 30. Mas acreditem, dentro dos poucos recursos disponíveis, era um bom jornal. Enfrentar a antipatia motivava os repórteres.

Na Política, a ZH era muito boa, sob comando de Carlos Fehlberg. Ele, sim, tinha que medir bem o que escrevia, mas como falei, era um trapezista sem rede de proteção. Não bailar na curva era o desafio.

Nas madrugadas dos mortos e dos muito vivos, eu era rei. Encarar bandidos barra pesada, sustentar o olhar duro e empedernido de policiais antipáticos, fuçar em botecos pé-sujo na Voluntários da Pátria à procura de informação sonogada pelas polícias, essas coisas assim tão banais quanto cobrir algum evento social na falta de repórter especializado.

Eu amava lugares frequentados por colegas. Era um mundo de perdedores e poucos sobreviventes. No Bar Leão na Andradinhas, quase esquina General Portinho, conheci um poeta fascinante, Moacyr Ribeiro.

- Hoje amanheci com uma vontade louca de brigar com Deus - disse certa madrugada.

E arrematou: - Vocês não entendem nada de ternura humana...

Discordei, mas sem dizer isso a ele.

O que descobri nesse mundo de almas perdidas e, não raro desperdiçadas, foi que humanidade, a ternura humana do poeta Moacyr Ribeiro, era o que mais tinha na noite dos desesperados. Bastava descobri-la, cavando abaixo da superfície.

Mas, também, tudo depende de como você começa o dia.